



***MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO NACIONAL
ACERCA DO BULLYING HOMOFÓBICO NA ESCOLA***

***MAPEO DE LA PRODUCCIÓN EN EL CURSO NACIONAL DE
GRADUACIÓN SOBRE EL ACOSO ESCOLAR HOMOFÓBICO***

***MAPPING THE PRODUCTION IN THE NATIONAL GRADUATION
COURSE ABOUT HOMOPHOBIC BULLYING AT SCHOOL***

Will Paranhos¹

Elizabeth Macedo²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar um panorama da produção acadêmica na pós-graduação brasileira acerca do bullying homofóbico nas escolas. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, sendo pesquisadas as dissertações e teses do Catálogo de Teses e Periódicos CAPES, entre os anos de 2017 e 2022. Foram identificadas 13 produções que se relacionam com o escopo desta pesquisa. Como resultados, observa-se uma ínfima produção que relaciona a homofobia com o campo da educação infantil, assim como estudos que ampliem o debate em torno do bullying por uma óptica interseccional. Merecem destaque a falta de apoio das gestões educacionais, a escassez de políticas públicas específicas e o avanço do conservadorismo nacional. O principal aspecto constatado se relaciona com a sugestão de que se estabeleçam parcerias entre escola, família e movimentos sociais, a fim de que sejam criadas redes de apoio e de compartilhamento de conhecimentos relativos ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Homofobia. Pesquisa. Pós-graduação.

¹ Pessoa não-binária, pessoa com deficiência e Pai da Maya. Doutorande no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES. williamroslindoparanhos@gmail.com

² Doutora em Educação pela Unicamp e professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora 1A do CNPq, Cientista do Nosso Estado da Faperj e Procientista da UERJ. Foi presidente eleita da International Association for the Advancement of Curriculum Studies. bethmacedo@pobox.com

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un panorama de la producción académica en los cursos de posgrado brasileños sobre el bullying homofóbico en las escuelas. Para ello, se realizó una revisión sistemática de la literatura, investigando las disertaciones y tesis del Catálogo de Tesis y Periódicos CAPES, entre los años 2017 y 2022. Se identificaron trece producciones que se relacionan con el alcance de esta investigación. Como resultado, existe una producción insignificante que relaciona la homofobia con el campo de la educación infantil, así como estudios que amplían el debate en torno al bullying desde una perspectiva interseccional. Cabe destacar la falta de apoyo de las administraciones educativas, la escasez de políticas públicas específicas y el avance del conservadurismo nacional. El principal aspecto observado está relacionado con la sugerencia de que se establezcan alianzas entre la escuela, la familia y los movimientos sociales, con el fin de crear redes de apoyo y compartir conocimientos relacionados con el tema.

PALABRAS-CLAVE: Bullying. Homofobia. Investigación. Posgrado.

ABSTRACT

This article aims to present an overview of the academic production in Brazilian postgraduate courses about homophobic bullying in schools. To this end, a systematic literature review was carried out, researching the dissertations and theses of the Catalog of Theses and Periodicals CAPES, between the years 2017 and 2022. Thirteen productions were identified that relate to the scope of this research. As a result, there is a negligible production that relates homophobia to the field of early childhood education, as well as studies that broaden the debate around bullying from an intersectional perspective. The lack of support from educational administrations, the scarcity of specific public policies and the advance of national conservatism deserve to be highlighted. The main aspect observed is related to the suggestion that partnerships be established between school, family and social movements, in order to create networks of support and sharing of knowledge related to the theme.

KEYWORDS: Bullying. Homophobia. Research. Postgraduate studies.

* * *

As conversas on-line com Renato e Polobio trouxeram reflexões sobre a (re)produção dos estigmas sociais no espaço escolar, nos permitindo indagar quais as intervenções escolares vêm tornando possível enfraquecer a força do bullying homofóbico e quais reiteram as normas regulatórias de gênero e mantém naturalizada a heteronormatividade (COUTO JUNIOR et al., 2018, p. 134).

Introdução

“Quais as intervenções escolares vêm tornando possível enfraquecer a força do bullying homofóbico e quais reiteram as normas regulatórias de gênero e mantém naturalizada a heteronormatividade” (COUTO JUNIOR et al., 2018, p. 134)? Reiteramos e indagamos, pois é esse trecho, em especial, que se coloca como um

disparador de inúmeros questionamentos acerca do fenômeno da violência em decorrência das sexualidades no cotidiano escolar.

Inúmeros, pois o bullying, sendo uma prática multifacetada, não pode ser abordado de forma singular. Seu principal objetivo consiste no ato de magoar a vítima, seja por meio de agressões físicas diretas, seja por meio de agressões verbais diretas ou agressões indiretas (ZEQUINÃO *et al.*, 2016), traduzindo as relações desiguais de poder (SOUZA *et al.*, 2015), que atingem, no entanto, diversas personagens que estão ligadas à sua ocorrência. O bullying é um “problema” de toda a escola.

Esse problema na/da escola não se relaciona tão somente a crianças e adolescentes. A perspectiva deturpada em torno do bullying como sendo única e exclusivamente vinculado ao corpo discente precisa ser revista. Docentes não sofrem com bullying? Profissionais que trabalham na escola, independentemente do nível de formação ou do campo de atuação, também não vivenciam situações de homofobia (LGBTfobia)? A família, nos seus mais diversos arranjos, não compreende a comunidade escolar e, em decorrência, não pode ser vítima dos mais variados tipos de violência, afetando diretamente suas crianças?

Partindo de um prisma crítico, que nos permita analisar as construções e as relações sociais de maneira ampla e horizontal – entretanto, hegemonicamente verticalizadas –, incluindo a violência, torna-se possível pensarmos em estratégias e práticas que nos permitam combater a violência direcionada às sexualidades não cisheterossexuais e que, neste momento histórico em especial, assola nossa realidade educacional. Estamos pensando nisso? Estamos criando mecanismos para intervir e mudar essa realidade?

O presente artigo parte do contexto apresentado e indaga: o campo da pesquisa nacional em nível de pós-graduação leva em conta o fenômeno do bullying homofóbico e, se sim, qual configuração tem adotado? Em face desse panorama, este estudo objetivou, por meio de uma revisão sistemática da literatura (RSL), apresentar um panorama da produção acadêmica na pós-graduação brasileira acerca do bullying homofóbico nas escolas, acreditando nas potencialidades de tal recurso metodológico, o qual fornece uma perspectiva ampliada em torno dos fenômenos pesquisados.

Nosso objetivo com a produção apresentada, enquanto pesquisadoras da/na educação, é causar incômodos e reflexões, considerando a necessidade de criarmos uma cultura de desconstruções para, posteriormente, (re)construirmos perspectivas diversas

que compreendam vidas plurais em sociedade (LAPOLLI *et al.*, 2022), desmantelando os padrões cristalizados que alimentam as opressões.

Procedimentos metodológicos

Para fins desta pesquisa, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, tomando por base o protocolo de pesquisa estruturado por Paranhos *et al.* (2021), que tem por objetivo explicitar as variáveis de um processo de revisão, culminando na resposta à pergunta de pesquisa, fundamento para o desenvolvimento de estudos científicos. O processo metodológico em questão pode ser considerado como um dos mais efetivos quando do desejo de analisar o estado da arte em determinado escopo da produção acadêmica.

O protocolo de pesquisa da RSL de Paranhos *et al.* (2021), adaptado e apresentado na Tabela 1, define parâmetros que possibilitam o cadenciamento das etapas da revisão, facilitando a tarefa de pesquisadoras e pesquisadores em suas buscas, haja vista um maior controle acerca dos possíveis achados quando do retorno de dados oriundos do tema pesquisado.

TABELA 1: Protocolo de revisão sistemática da literatura

Quadro conceitual	A escola, enquanto espaço de convívio e formação de vínculos, possibilita a instituição de uma aprendizagem democrática e pautada nas diferenças, ao mesmo tempo que traduz o contexto social vigente, reforçando diversos atos de violência em decorrência dos gêneros e das sexualidades não cisheterossexuais.
Contexto	Teses e dissertações que versem a respeito do <i>bullying</i> homofóbico (LGBTfóbico), e de aspectos a ele relacionados (lacunas, estratégias de enfrentamento, análises), dentro do contexto escolar.
Línguas	Português.
Crítérios de inclusão	Tipos de documentos: teses e dissertações de cursos de doutorado, mestrado acadêmico e mestrado profissional relacionadas ao tema.
Crítérios de exclusão	Pesquisas que não estejam diretamente relacionadas ao campo da educação.

Bases de dados pesquisadas	Catálogo de Teses e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
-----------------------------------	--

Fonte: Adaptado de Paranhos *et al.* (2021).

A escolha do Catálogo de Teses e Periódicos da CAPES para a realização das buscas deu-se em virtude de ser esse o portal que concentra a produção acadêmica de pós-graduação *stricto sensu* de todo o país. De acordo com as informações obtidas no portal da CAPES:

Como forma de facilitar o acesso a informações consolidadas e que reflitam as atividades do sistema nacional de pós-graduação brasileiro, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), desde julho de 2002, tem colocado à disposição da comunidade acadêmica, e do público em geral, o Banco de Teses e Dissertações (BTD), ou Catálogo de Teses e Dissertações, no qual é possível consultar todos os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira ano a ano. O BTD da Capes é uma plataforma que tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país, e faz parte do Portal de Periódicos da Instituição. (CAPES, 2022, s. p.).

Assim, seguindo o protocolo anteriormente apresentado, a busca teve início no dia 17 de agosto de 2022 e foi finalizada em 23 de agosto de 2022 e revisada em março de 2023. A cronologia da pesquisa deve ser explicitada, dado o fato de que o catálogo é alimentado continuamente com novas pesquisas, o que pode alterar resultados anteriores ou posteriores ao período de ocorrência definido. Posteriormente, foram escolhidos os termos utilizados no processo de revisão, sendo eles: “*bullying*”, “homofobia” e “escola”. Deve-se salientar a importância de que se selecionem termos condizentes com o problema e o objetivo de pesquisa, potencializando o desenvolvimento do estudo e gerando resultados expressivos para o campo científico.

Escolhidos os termos, realizou-se uma primeira busca – que não será considerada para fins desta pesquisa –, a qual gerou somente cinco resultados. A ocorrência pode ser justificada pelo uso da palavra “*bullying*”, de língua inglesa e comumente associada à violência, apesar de ser traduzida como “assédio moral”. Assim, o termo “violência” foi incluído no rol de palavras-chave que compõem a RSL. Com o cruzamento, os termos possibilitaram os seguintes retornos, expressos na Tabela 2.

TABELA 2: Resultados da primeira busca na base da CAPES

Palavras-chave	Doutorado (tese)	Mestrado acadêmico (dissertação)	Mestrado profissional (dissertação)	Profissionalizante
<i>“violência” OR “bullying” OR “homofobia” AND “escola”</i>	14	89	3	1
Total: 107				

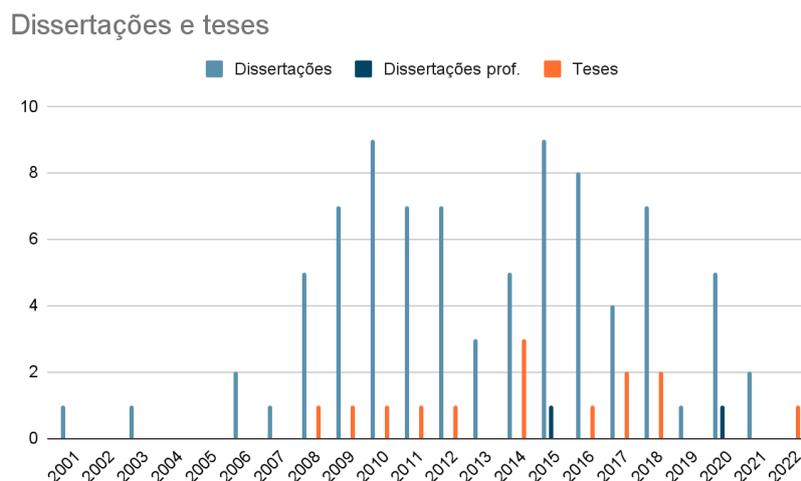
Fonte: Adaptado de Paranhos *et al.* (2021).

O catálogo possui atualmente³ 14 teses de doutorado, 89 dissertações de mestrado acadêmico (MA), três dissertações de mestrado profissional (MP) e um trabalho de conclusão de curso (TCC) profissionalizante, totalizando 107 pesquisas que se relacionam com o tema designado. Ao retornarmos ao protocolo utilizado, veremos que este aponta um contexto associado tão somente a teses e dissertações que versem a respeito do bullying homofóbico (LGBTfóbico) no contexto escolar. Assim, realizou-se a primeira exclusão de dados retornados, excluindo-se o TCC do curso profissionalizante, restando 106 produções. Estas passam a ser genericamente⁴ analisadas, tornando possível uma compreensão macro em torno da produção nacional nessa seara.

Durante a mineração dos dados, percebeu-se que seis trabalhos estão depositados em duplicidade - cinco dissertações de MA e uma outra de MP. Assim, essas pesquisas foram excluídas, resultando em 100 produções analisadas (14 teses, 84 dissertações de MA e 2 dissertações de MP). A Figura 1 apresenta o número de produções finalizadas por ano. Nela, podemos observar as dissertações de MA, na cor azul-claro, as dissertações de MP, na cor azul-escuro, e as teses, representadas pela cor laranja.

³ Dentro do período pesquisado.

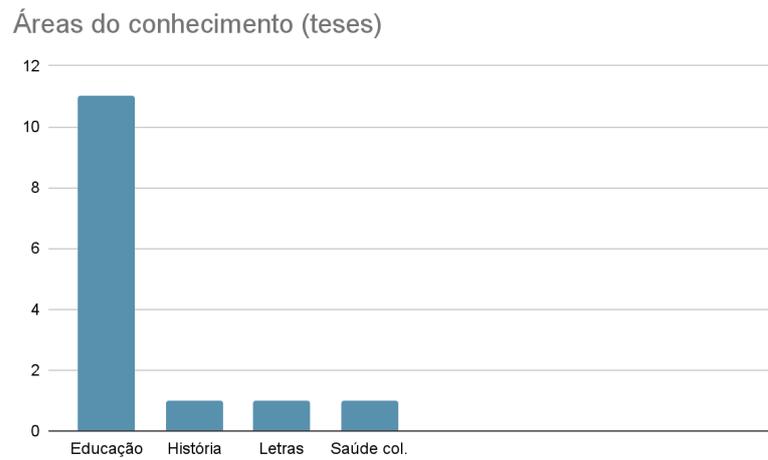
⁴ Ainda sem nenhum novo procedimento de inclusão ou exclusão.

FIGURA 1: Produção de dissertações e teses por ano.

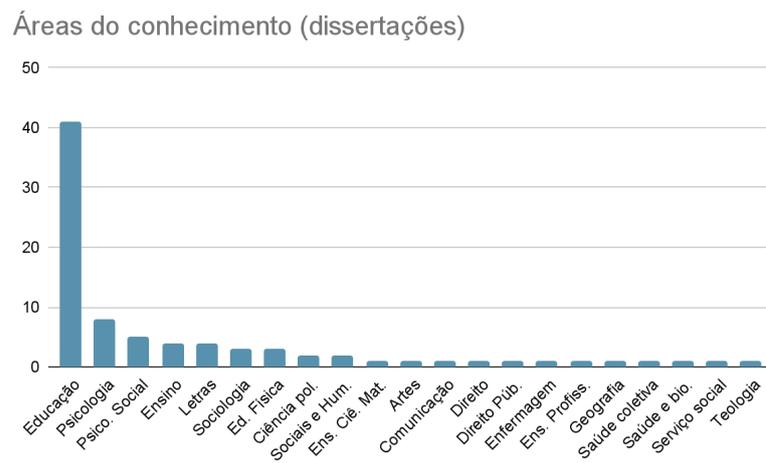
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Observa-se que, apesar de o catálogo contar com referências datadas de 1987⁵, a primeira publicação retornada com base nos descritores é uma dissertação de MA do ano de 2001. O feito repete-se em 2003, e somente a partir de 2006 é que passa a figurar anualmente. A primeira tese é catalogada em 2008, e a primeira dissertação de MP é incluída no ano de 2015. Merece destaque o fato de que no período de 21 anos não são concluídas e publicadas pesquisas nos formatos contemplados pelo protocolo, concomitantemente (dissertações de MP, dissertações de MA e teses de doutorado). Devem ser destacados os anos de: 2010 e 2015, que contam com nove publicações de MA e 2014, quando são registradas três teses de doutorado. A seguir, as Figuras 2, 3 e 4 vão apresentar as áreas do conhecimento em que as produções foram catalogadas – a Figura 2 refere-se às teses, a Figura 3, às dissertações acadêmicas, e a Figura 4, às dissertações profissionais.

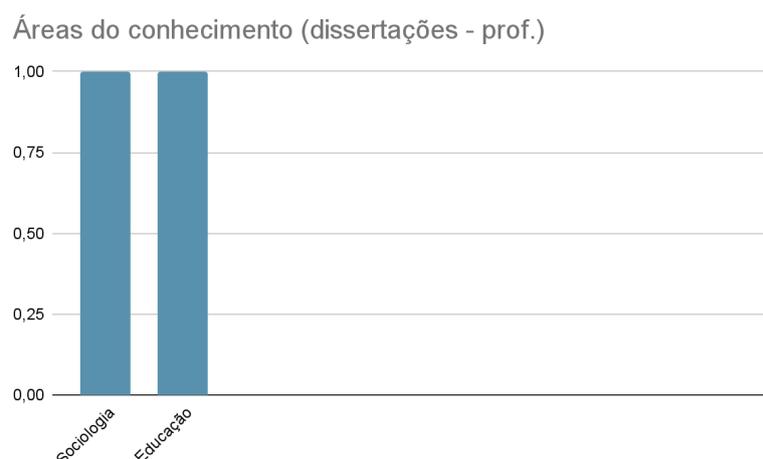
⁵ Inicialmente foram disponibilizados 125 mil resumos de teses/dissertações no período de 1996 a 2001, os quais foram obtidos através do sistema Coleta, em parceria com a área de informática da CAPES. Com o intuito de melhorar e ampliar a base de dados bibliográficos disponíveis, também foram resgatadas e incluídas referências de trabalhos defendidos desde 1987. A partir de então, os dados são atualizados anualmente após o informe de atividades pelos programas de pós-graduação do país à CAPES. Com o lançamento da Plataforma Sucupira, o Coleta de Dados foi reformulado e passou a ser um dos módulos que a constituem. Assim, as informações contidas no BTD passaram a ser obtidas através dessa plataforma. Disponível em: <https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/227>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FIGURA 2: Áreas do conhecimento das teses catalogadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

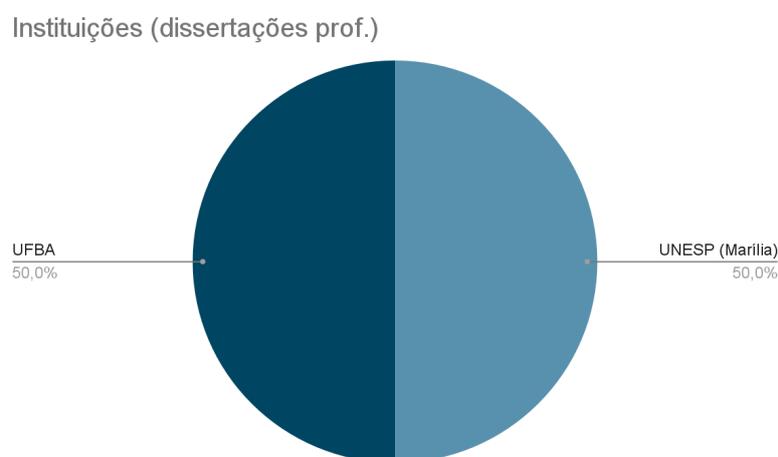
FIGURA 3: Áreas do conhecimento das dissertações acadêmicas catalogadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

FIGURA 4: Áreas do conhecimento das dissertações profissionais catalogadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Percebe-se que a educação é a área do conhecimento que mais concentra trabalhos publicados, somando 11 teses, 41 dissertações acadêmicas e uma profissional, num total de 53 produções. Paralelamente, infere-se que este padrão não se repete nos demais campos do conhecimento, haja vista o fato de psicologia e psicologia social figurarem como a segunda e a terceira colocadas, respectivamente, no levantamento específico de dissertações acadêmicas, e sequer aparecerem quando aglutinamos os resultados em teses ou dissertações profissionais. Com relação à produção analisada paralelamente às instituições de ensino superior (IES) do país – públicas ou privadas –, podemos evidenciar algumas concentrações geográficas.

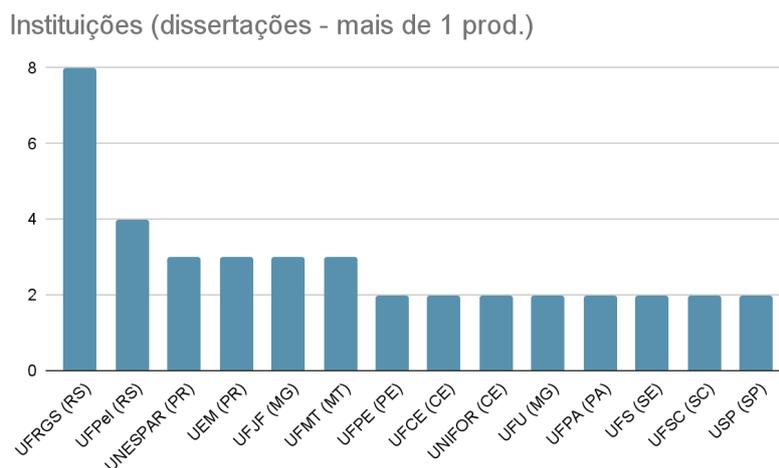
FIGURA 5: Instituições de ensino – dissertações profissionais.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A Figura 5 relaciona a produção em cursos de MP. Dos dois trabalhos

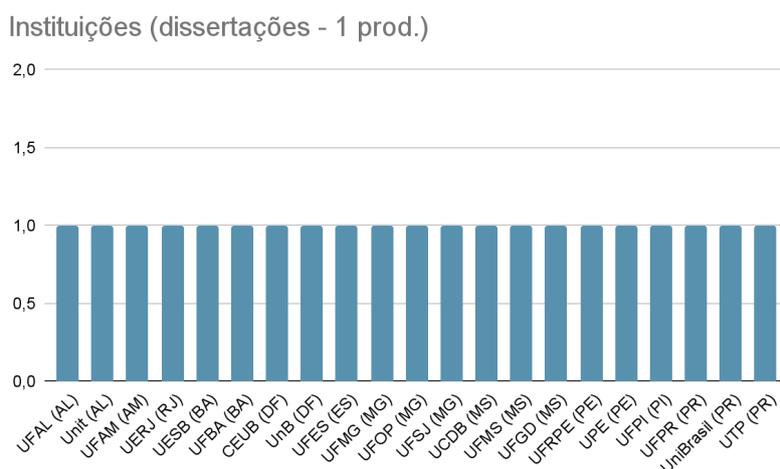
retornados durante a busca: um foi produzido na região Sudeste – Universidade Estadual Paulista (Unesp Marília); e um, na região Nordeste – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Isso demonstra uma ausência de trabalhos em três regiões e 24 estados, além do Distrito Federal. Ao considerarmos as pesquisas desenvolvidas em cursos de mestrado acadêmico, o cenário traz mudanças consideráveis.

FIGURA 6: Instituições de ensino – dissertações acadêmicas 1.

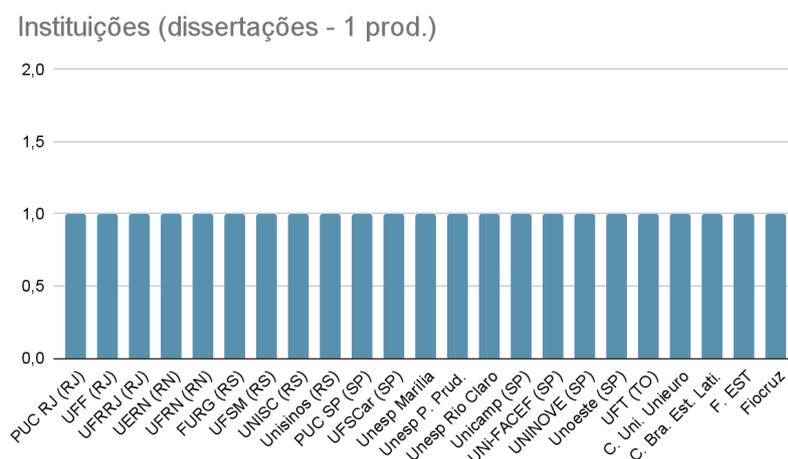


Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Todas as instituições elencadas na Figura 6 possuem mais do que um trabalho de conclusão em MA relacionado aos termos pesquisados. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) concentra oito produções, seguida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com quatro trabalhos e, na sequência, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) acumulam três dissertações cada. Por fim, todas as outras instituições de ensino detêm a produção de duas pesquisas relacionadas ao escopo analisado. As Figuras 7 e 8 apresentam as IES que agrupam um único trabalho ligado à temática:

FIGURA 7: Instituições de ensino – dissertações acadêmicas 2.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

FIGURA 8: Instituições de ensino – dissertações acadêmicas 3.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Diante dos dados expostos nas Figuras 6, 7 e 8, podemos depreender globalmente:

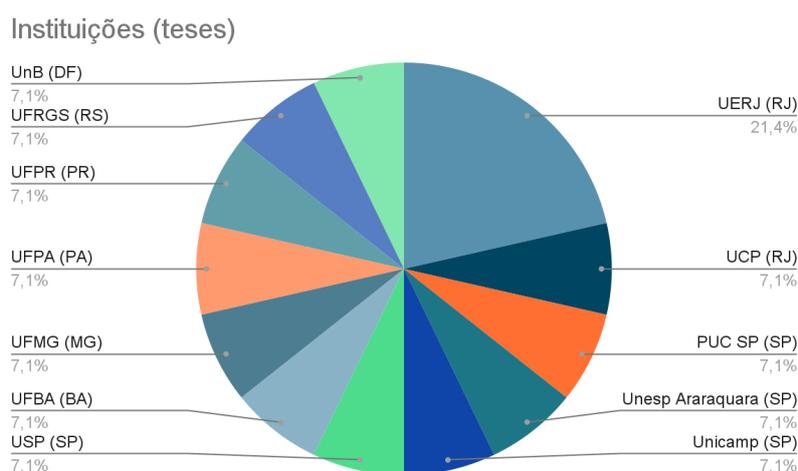
1. A região Sul conta com 28 produções, seguida pelo Sudeste, com 24, pelo Nordeste, com 17, pelo Centro-Oeste, com oito, e pelo Norte, com quatro.
2. Os estados com o maior número de dissertações que compreendem os termos analisados são Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná, com 17, 11 e nove trabalhos, respectivamente.
3. Na região Norte, os estados do Acre, de Rondônia, de Roraima e do Amapá não possuem produções relacionadas aos descritores utilizados nesta pesquisa, fato

que também ocorre no Maranhão e na Paraíba, estados da região Nordeste.

4. Três instituições de ensino interestaduais – Centro Universitário Unieuro, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – também possuem uma produção cada.

Em última instância, a Figura 9 traz a relação de instituições que possuem teses desenvolvidas no âmbito aqui pesquisado:

FIGURA 9: Instituições de ensino – teses.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro detém a marca de três pesquisas de doutorado, sendo que todas as demais contam com uma única produção. Em contrapartida, o estado de São Paulo soma quatro trabalhos. Partindo para uma análise regional, o Sudeste possui nove teses, seguido pelo Sul, com duas, e Centro-Oeste, Nordeste e Norte com uma cada.

Ao final da primeira etapa de verificação, em virtude do número considerável de retornos, optou-se pelo acréscimo de mais um critério de exclusão: temporalidade. Desse modo, delimitou-se um período entre os anos de 2017 e 2022⁶, a fim de prosseguir com as análises. Ao observarmos a Figura 1, notamos a existência de três “ondas” no processo de produção acadêmica nacional relacionado ao tema.

O primeiro pico da onda iniciou-se no ano de 2008, chegando ao seu ápice em 2010 e voltando a cair. Apesar de constituir-se em um projeto que teve sua gênese no ano de 2004, o *Brasil Sem Homofobia* (CONSELHO..., 2004) articulou-se de maneira

⁶ Em decorrência de não terem sido catalogadas pesquisas em 2023, excluiu-se o ano do corte temporal.

transversal de forma a efetivar as políticas de combate à discriminação e promoção de direitos de pessoas LGBTIAP+, abrigando-se, deste modo, no Ministério da Educação, tendo como um dos eixos o *Programa Escola Sem Homofobia* (CADERNO..., 2009), também conhecido, pejorativamente, como *kit gay* (G1, 2011). A “primeira onda” de produções relacionadas ao tema aqui debatido, localiza-se exatamente dentro do período de elaboração e discussão do projeto que, infelizmente, não foi implementado, e começa a diminuir logo após sua negativa.

Posteriormente, percebe-se um crescimento nas pesquisas a partir de 2014 – ano de maior produtividade de teses –, atingindo o ponto mais alto em 2015 e novamente entrando em recessão. Aqui, novamente nos deparamos com um período onde o tema constituiu debate efervescente no cenário político nacional, à época da votação do Plano Nacional de Educação (PNE), bem como dos planos estaduais e municipais, que perdurou exatamente os anos que “compõem a segunda onda”. Para recordar, ganhou centralidade nas discussões a inclusão/exclusão de termos como “gênero” dos planos de educação (TOKARNIA, 2014).

Por fim, no ano de 2017, apesar da queda no número de dissertações, evidencia-se uma alta nos trabalhos de doutorado, o que se mantém em 2018, mesmo ano em que as pesquisas de mestrado crescem em número de publicações. Não é de se espantar que a terceira onda se estabeleça, justamente, nos períodos pré-eleitoral e eleitoral referentes ao pleito de 2018, então eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, o qual usou e abusou, durante a sua campanha, de discursos em torno da “ideologia de gênero” (MIGUEL, 2021).

Partindo-se do exposto, a Tabela 3 apresenta o novo número de pesquisas a serem analisadas.

TABELA 3: Resultados da segunda busca na base da CAPES

Palavras-chave	<i>Doutorado (tese) – 2017 a 2022</i>	<i>Mestrado acadêmico (dissertação) – 2017 a 2022</i>	<i>Mestrado profissional (dissertação) – 2017 a 2022</i>
<i>“violência” OR “bullying” OR “homofobia” AND “escola”</i>	4	20	1

Total: 25

Fonte: Adaptado de Paranhos *et al.* (2021).

A partir do novo montante, procedeu-se à leitura de títulos, resumos e palavras-chave das pesquisas, com a finalidade de garantir sua adesão ao campo da educação, conforme protocolo da pesquisa, possibilitando novas exclusões. Do total de 25 pesquisas, oito dissertações foram excluídas pelo fato de não comporem o quadro conceitual proposto, resultando no total de 17 trabalhos que foram selecionados para leitura da introdução, dos objetivos e da conclusão (considerações finais). Nessa etapa, outros quatro documentos foram eliminados. Diante de um novo total, agora com 13 trabalhos, procedeu-se à leitura completa destes, a fim de que se torne possível identificar os principais aspectos relacionados à pesquisa brasileira em torno do bullying homofóbico nas escolas, os quais serão expostos na próxima seção.

Apresentação dos resultados

Os resultados finais, obtidos após a aplicação do protocolo de pesquisa adaptado de Paranhos *et al.* (2021), compõem a presente revisão sistemática da literatura e estão relacionados na Tabela 5. Esta apresenta a autoria dos artigos, o título, o tipo de pesquisa (tese ou dissertação), o tipo de curso (mestrado acadêmico, mestrado profissional ou doutorado), o ano de defesa e a instituição à qual pertencem. As pesquisas são listadas por ano, de maneira crescente. Posteriormente à tabela, inicia-se a etapa de identificação dos estudos⁷.

TABELA 5: Apresentação das publicações selecionadas

	Autoria	Título	Tipo	Ano	Instituição	UF
1	MEDEIROS, Cristiano Sant'anna de.	#DIFERENÇA: pensando com imagens compartilhadas dentrofora da escola	Tese – Doutorado em Educação	2017	UERJ	RJ
2	OLIVEIRA, Megg Rayara	O diabo em forma de gente: (r)existências	Tese – Doutorado	2017	UFPR	PR

⁷ As siglas que se referem às pessoas não cisheterossexuais serão descritas conforme utilizadas pelas pessoas pesquisadoras em suas dissertações e teses.

	Gomes de.	de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação	em Educação			
3	TANNURI, João Guilherme de Carvalho Gattás.	O que dizem famílias homoparentais sobre as relações estabelecidas com a escola de seus filhos: tensões entre aceitação e discriminação	Dissertação – Mestrado em Educação	2017	Unesp (Rio Claro)	SP
4	SOUSA, Kelyane Oliveira de.	Programa de habilidades sociais na escola: uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual	Dissertação – Mestrado em Psicologia	2017	UFS	SE
5	BERGAMA SCHI, Igor Felipe.	A diversidade sexual e o controle do Estado: limites da intervenção estatal nas questões de liberdade sexual no contexto escolar ⁸	Dissertação – Mestrado em Direito	2018	UniBrasil	PR
6	TOLEDO, Rodrigo.	Homofobia e heterossexismo na escola: um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica	Tese – Doutorado em Educação (Psicologia da Educação)	2018	PUC-SP	SP
7	SILVA, Renan Antônio da.	Incluir excluindo ou excluir incluindo: a escola E-JOVEM/LGBTTI e seus desdobramentos	Tese – Doutorado em Educação Escolar	2018	Unesp (Araraquara)	SP
8	QUIRINO, Rafael Contini.	O corpo (des)educado: narrativas sobre sexualidades e as trajetórias de	Dissertação – Mestrado em Educação	2018	Unoeste	SP

⁸ Apesar de contar, no catálogo da CAPES, com o referido título, o trabalho foi encontrado no banco de teses e dissertações da instituição com o título: “A ATUAÇÃO DO ESTADO NO COMBATE À LGBTFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR”.

		escolarização				
9	FERREIRA, Melina Aurora Terra.	A visibilidade LGBTI+ e o protagonismo lésbico – narrativas de estudantes e funcionários de uma escola estadual da zona norte de Niterói	Dissertação – Mestrado em Educação	2020	UERJ	RJ
10	NEVES, Francisco de Jesus.	Bullying e homofobia no contexto escolar: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul	Dissertação – Mestrado em Psicologia	2020	UFGD	MS
11	GRESPLAN, Rosana Pimentel de Castro.	Educar para a diversidade sexual e de gênero: limites e possibilidades da prática docente no ensino médio público no município de Rondon/PR	Dissertação – Mestrado em Formação Docente Interdiscipli nar	2020	UNESPAR	PR
12	PEDERSEN, Marina.	Heteronormatividade e homofobia na escola: intersecções entre o ensino de sociologia e a educação sexual para o combate à homofobia	Dissertação – Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional	2020	Unesp (Marília)	SP
13	PEREIRA, Lorena Kelly Alves.	Diversidade sexual na escola: a experiência de um projeto educativo no IFCE Campus Crato	Dissertação – Mestrado em Educação Agrícola	2021	UFRRJ	RJ

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A tese de Cristiano S. de Medeiros (2017), intitulada *#DIFERENÇA: pensando com imagens compartilhadas dentrofora da escola*, propôs uma reflexão acerca de imagens compartilhadas por estudantes de uma turma do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense/RJ, em

torno das noções de diferença e suas interrelações com as narrativas. Utilizando-se de uma rede social como espaço para o desenvolvimento da proposta (Facebook), inaugurando um contexto nomeado pelo autor de “sociedade do compartilhamento” (MEDEIROS, 2017), criaram-se diferentes tecidos de significação, em que foram problematizados diversos aspectos relacionados ao campo da diferença, tais como conceitos, representações e dogmas. A proposta possibilitou pensar as múltiplas significações e, posteriormente, concretizações em torno da ideia de diferença que se fazem presentes no âmbito educacional. Entre elas, ficaram explícitas aquelas ligadas à homofobia e ao bullying em virtude dos gêneros e das sexualidades não cisheteronormadas, diversas vezes endereçadas às próprias pessoas participantes. A pesquisa conclui que tais análises permitiram uma amplitude em torno dos mais variados processos de subjetivação que “borbulham” constantemente no espaço da escola, culminando em possibilidades outras para a estruturação de ações quanto à compreensão das relações do “eu” com “o outro”.

No mesmo ano, a tese *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*, de autoria de Megg R. G. de Oliveira (2017), buscou analisar as experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas no território escolar. A autora centrou-se em uma problemática acerca dos elementos que se refletem nos processos de subjetivação de quatro docentes negros de escolas públicas dos estados do Paraná e do Rio de Janeiro – todos dissidentes da norma cisheterossexual – e na forma como tais processos são agenciados, diante de uma perspectiva foucaultiana, no interior das instituições de ensino. A metodologia utilizada pela autora foi a das autobiografias, trazendo à tona elementos constituintes das vivências dos sujeitos de pesquisa. A partir dos relatos biográficos, tornou-se possível criar um campo para que fossem debatidas questões como o racismo e a homofobia na escola, em suas mais diversas expressões – discurso, simbolismo e prática. Segundo Oliveira (2017), a utilização do conceito de interseccionalidade, que ganha reconhecimento a partir de sua utilização pela jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw, foi fundamental para que se ampliassem as discussões propostas pela pesquisa, emergindo como uma lente que lhe possibilitou um outro olhar na análise dos fenômenos. De acordo com a autora:

Ainda assim, os trabalhos produzidos no Brasil discutindo homofobia e racismo no ambiente escolar se referem a pequenos domínios e se concentram especificamente em um dos múltiplos marcadores sociais que incidem sobre uma pessoa. Constatei que a maioria dos trabalhos que discutem relações étnico-raciais ignora a diversidade de gênero e

de orientações sexuais, naturalizando a ideia de que a população negra do país é composta especificamente por pessoas cisgêneras heterossexuais. (OLIVEIRA, 2017, p. 169).

Por fim, Oliveira (2017) (re)afirma a importância da interseccionalidade em estudos, análises e práticas que se refiram às dissidências, sejam estas de gêneros, sexualidades, etnias, raças, entre outras, justamente para que se explicita a necessidade de uma abordagem integrativa, que compreende as subjetividades de maneira complexa e integral, haja vista partirmos de constituições e tensões que performam no exercício dos locais de poder, produzindo negros homofóbicos ou homossexuais racistas, por exemplo.

João Guilherme de C. G. Tannuri (2017), em sua dissertação, planejou explorar o fenômeno da violência da/na escola contra a família homoparental, culminando na pesquisa *O que dizem famílias homoparentais sobre as relações estabelecidas com a escola de seus filhos: tensões entre aceitação e discriminação*. De abordagem qualitativa, Tannuri (2017) dividiu sua pesquisa em duas etapas: a primeira pautou-se em uma revisão bibliográfica, que resultou no retorno de 54 obras distintas, todas relacionadas ao tema; no segundo momento, realizou entrevistas semiestruturadas com três mães e sete pais, representantes de dez famílias homoparentais das regiões Sudeste e Centro-Oeste, com o objetivo de explicitar a experiência desses sujeitos diante das relações desenvolvidas com pessoas trabalhadoras das escolas de suas filhas e seus filhos. Ao final, o autor pôde inferir que 60% das pessoas participantes disseram nunca ter sofrido homofobia devido à homoparentalidade, apesar da identificação de um caso de preconceito em virtude de uma criança com deficiência, além de um relato de bullying. Com relação aos 40% restantes, Tannuri (2017) constatou as possíveis situações que se apresentam como casos de homofobia: a não aceitação, por parte da gestão escolar, da realização de cadastros homoparentais e o entendimento da homoparentalidade como fator negativo na vivência das crianças no espaço escolar. Outros dados que merecem atenção: 20% das mães e dos pais foram expostos à violência por conta da discordância sobre a homoparentalidade e questões relacionadas – expressão da sexualidade, não abordagem do tema na escola; 20% relataram situações de bullying homofóbico em decorrência dos sobrenomes; e 10% afirmaram ter sofrido violência por conta do uso da expressão “sapatonas”. Na conclusão de sua pesquisa, o autor afirma a latente necessidade de discutir a temática da homoparentalidade dentro

do espaço educacional, haja vista ser essa uma realidade cada vez mais presente no cotidiano das escolas.

Com o título de *Programa de habilidades sociais na escola: uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual*, Kelyane O. de Sousa (2017) realizou uma análise, durante sua pesquisa de mestrado, em torno da efetividade de um programa de habilidades sociais e seus efeitos na redução do preconceito de gêneros e sexualidades com adolescentes de 14 a 17 anos do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Aracaju (SE). Para compreender a eficiência do programa, a pesquisadora realizou um pré-teste em que foram verificados os níveis de habilidades sociais e de preconceito existentes junto aos sujeitos da pesquisa. Posteriormente, procedeu-se a um treinamento de habilidades sociais voltadas às questões de gêneros e sexualidades. Por fim, Sousa (2017) efetuou um pós-teste, novamente mensurando os níveis avaliados. Para tanto, fizeram-se necessárias dez sessões com abordagem psicoeducativa e cognitivo-comportamental, nas quais foram propostas as seguintes atividades: 1. apresentação do programa e discussão dos conceitos de habilidades sociais, identidade de gênero, homossexualidade e transexualidade – técnicas delineadas estrategicamente de acordo com o objetivo geral do estudo; 2. dinâmica sobre violência com homossexuais e colocar-se no lugar do outro; 3. dinâmica para incentivar o elogio, discussão sobre bullying e documentário “Meninas de azul, meninos de rosa”; 4. avaliação do programa; 5. role playing e análise funcional da situação; 6. filme Hoje eu quero voltar sozinho; 7. discussão sobre o filme e jogo do “mito ou verdade?”; 8. Jogo da História Inacabada; e 9. encerramento. Durante o período, foram trabalhadas as habilidades de: empatia, assertividade e estratégia de resolução de problemas; civilidade, empatia e desenvoltura social; assertividade, comportamentos alternativos/desenvoltura social e resiliência; abordagem afetiva; crenças e desenvoltura social; solução de conflitos. É importante mencionar que os instrumentos utilizados por Sousa (2017) durante as etapas de pré-teste e pós-teste foram o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes e a Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero. Os resultados da pesquisa apontaram que os adolescentes, anteriormente à execução do programa, possuíam um baixo índice de habilidades sociais e nível moderado no que tange ao preconceito em virtude do gênero e/ou da sexualidade. Todavia, ocorridas as dez sessões do programa, confirmou-se uma diminuição no nível de preconceito e um aumento significativo em relação às habilidades.

No ano de 2018, a dissertação de Igor Felipe Bergamaschi, intitulada *A diversidade sexual e o controle do Estado: limites da intervenção estatal nas questões de liberdade sexual no contexto escolar*, buscou trabalhar com formas de enfrentamento à LGBTfobia nas escolas partindo do prisma dos direitos humanos. Conforme destaca Bergamaschi (2018), a educação não deve ser compreendida enquanto neutra, visto que afeta diretamente o contexto em que se insere. O autor destaca que a escola possui um papel muito além daquele comumente a ela atrelado, o de passar o conhecimento, e que essa instituição, além dos aspectos cognitivos, deve preparar crianças e jovens para o exercício da cidadania, construindo uma sociedade cada vez mais democrática e equânime. Tais aspectos são aqueles que garantem às pessoas LGBTs seus direitos mais básicos, há tanto suprimidos de suas identidades civis. Ao analisar o kit anti-homofobia, pejorativamente batizado de “kit gay”, que compunha o Projeto Escola sem Homofobia, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, tornou-se possível afirmar que “em nenhum momento, a cartilha, [...] teve o objetivo de doutrinar ninguém ou influenciar a condição sexual de quem quer que seja. O objetivo claro do material é cumprir direitos fundamentais em respeito à dignidade humana” (BERGAMASCHI, 2018, p. 110). Para mais, o autor afirma que materiais como o estudado, que operam pela lógica dos direitos humanos, devem ser considerados como grandes aliados no exercício de uma prática educativa que se volte aos debates de gêneros e sexualidades.

A homofobia também foi tema central na pesquisa de doutorado de Rodrigo Toledo (2018), que buscou compreender os significados que docentes gays constroem a partir das inúmeras situações de homofobia por eles vivenciadas dentro do espaço escolar. Com o título *Homofobia e heterossexismo na escola: um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica*, a tese de Toledo (2018) partiu de uma análise historiográfica da construção do heterossexismo e da homofobia em nosso país. Apesar de ater-se às histórias de professores, tornou-se possível perceber a potência que a escola possui tanto para o combate às diversas formas de violência, em especial a homofobia, quanto para tornar-se um espaço fértil para a produção dessas. O autor realizou sessões de conversação com professores da rede pública, adotando o método “bola de neve”, o qual orienta que cada participante é quem deve indicar a próxima pessoa a ser entrevistada. Em suas considerações, Toledo (2018) afirma que a grande maioria dos casos de bullying homofóbico se concretiza em formas de agressão que partem, inicialmente, das expressões de gêneros e sexualidades das pessoas LGBTs, consideradas como desviantes da cisheteronormatividade. Outra

constatação está ligada à figura dos “bons alunos” como estratégia adotada por alunes, alunas e alunos para se proteger de ataques, sejam estes provenientes de colegas ou mesmo de docentes. Para o combate às situações de opressão, a criação de redes de apoio foi uma das estratégias mais apontadas pelos entrevistados da pesquisa. Tais teias constituem-se tanto por pessoas quanto por instituições, sugerindo que essa deve ser uma prática adotada pelas gestões educacionais no enfrentamento à LGBTfobia, como a união de esforços entre escola e movimentos sociais, levando discussões acerca da diferença para o chão da escola. Ao finalizar, o autor lembra a necessidade crucial de que se combata o conservadorismo, que vem assolando o cenário social brasileiro de maneira contundente, dada a nitidez de como tal movimento tem contribuído para o aumento dos casos de homofobia e outros tantos de violência na educação.

Incluir excluindo ou excluir incluindo: a escola E-JOVEM/LGBTTI e seus desdobramentos é a tese de Renan Antônio da Silva (2018), que analisou o processo de implantação de uma escola destinada ao público LGBTTI, com sedes na capital paulista e em duas cidades do interior do estado de São Paulo. O autor partiu do pressuposto de que, sendo a E-JOVEM uma escola destinada a um público específico, situações de violência e homofobia deveriam ser enfrentadas de formas estratégicas bastante assertivas. A pesquisa baseou-se na análise de documentos relacionados à escola, bem como em entrevistas realizadas com as pessoas fundadoras, no período entre 2009 e 2012. Silva (2018) aponta que:

[a] E-JOVEM, segundo a fala dos entrevistados, objetiva trabalhar questões educacionais e sociais a respeito da diversidade sexual, orientando jovens LGBTTI's sobre a multiplicidade cultural existente neste contexto. Tal escola consiste em uma iniciativa governamental que, com apoio da sociedade civil organizada oferece ações de desenvolvimento social, visando a emancipação dos sujeitos LGBTTI's em seus contextos territoriais, ensinando-os a lidar com a sexualidade humana e seus enfrentamentos na sociedade ainda marcada pela homofobia. (SILVA, 2018, p. 93).

Apesar dos avanços, não é possível afirmar que a escola-modelo conseguiu resolver o problema da homofobia, por mais que este tenha sido minimizado. Faz-se necessário que sejam criadas parcerias com outros atores do tecido social, a fim de que se inicie toda uma reestruturação do contexto em que a escola se insere. O combate ao bullying homofóbico na escola é uma tarefa intersetorial, que exige esforços múltiplos.

A dissertação de Rafael C. Quirino (2018) propôs uma análise acerca da percepção que jovens não cisheterossexuais possuem a respeito de suas sexualidades,

além de identificar suas experiências discentes durante o período em que estiveram cumprindo com o ciclo de educação formal. Em *O corpo (des)educado: narrativas sobre sexualidades e as trajetórias de escolarização*, Quirino (2018) buscou entrevistar jovens atuantes em movimentos sociais na periferia de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Além disso, o autor realizou um grupo focal em que as experiências pudessem ser transversalizadas e melhor externalizadas. Como resultado, Quirino (2018) identificou três categorias analíticas de maior impacto nas vivências das pessoas entrevistadas: homofobia estrutural; injúria no ambiente escolar; rede de apoio afetivo e social. As duas primeiras refletem o exposto em várias pesquisas que se debruçaram sobre a análise da escola enquanto espaço de disputas de poder e, conseqüentemente, geradora de violências variadas. A homofobia, em especial, evidencia a hierarquia dos gêneros e das sexualidades percebida no contexto social global. A terceira categoria analisada, que se refere à rede de apoio afetivo e social, aparece como a estratégia mais acertada no combate à homofobia escolar. Por meio dela, não só estudantes são protegidos e amparados em situações de bullying, mas há a criação de uma rede que milita em prol de uma educação pelas diferenças, levando informações, estabelecendo espaços de diálogo, estruturando o tecido social de maneira avessa à hegemonia da cisheteronormatividade.

A visibilidade LGBTI+ e o protagonismo lésbico – narrativas de estudantes e funcionários de uma escola estadual da zona norte de Niterói é a dissertação de Melina A. T. Ferreira (2020), que, por meio da pesquisa narrativa, analisou o protagonismo lésbico em uma escola estadual da cidade de Niterói (RJ), entre os anos de 2016 e 2018. O “sapabonde” – nome dado ao coletivo de lésbicas da escola – se estabeleceu enquanto espaço de companheirismo e resistência coletiva, tornou possível o combate às práticas de silenciamento cisheterossexuais existentes no âmbito da unidade escolar, gerando um movimento de intenso protagonismo e conquista de direitos específicos. A autora também se dispôs a analisar a narrativa de estudantes que se autodefinem enquanto gays e pessoas não binárias, o que a levou à constatação do quão nociva é a presença dos discursos hegemônicos masculinistas, os quais buscam ampliar-se nesses espaços, em oposição às performances do feminino e da homossexualidade. Por fim, Ferreira (2020) também conclui que a presença e o apoio da família no combate às práticas de homofobia são cruciais para que se consigam resultados positivos, na contramão dos processos de exclusão em decorrência dos gêneros e das sexualidades dissidentes.

A pesquisa de Francisco de J. Neves (2020) se ateu às percepções que estudantes do ensino médio de escolas públicas de Mato Grosso do Sul possuem acerca da homofobia. Em *Bullying e homofobia no contexto escolar: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul*, Neves (2020) realizou um mapeamento que contou com a participação de 2.217 discentes com idades entre 14 e 21 anos, por intermédio de um questionário estruturado em escala do tipo Likert. Os resultados indicam que, para os respondentes, pessoas transexuais e travestis são as maiores vítimas de violência em virtude dos gêneros e das sexualidades, afirmando, em 43,3% e 56,1% dos casos, que tais identidades devem abster-se de vivenciar e expressar suas identidades no espaço da escola. O autor conclui que o preconceito e o bullying homofóbico estão diretamente ligados à ausência de educação acerca dos temas, sendo o desconhecimento um campo fértil para o estabelecimento das noções de masculinidade hegemônica e da cisheteronormatividade.

O ensino médio também foi campo para a pesquisa de Rosana P. de C. Grespan (2020), a qual intitulou-se *Educar para a diversidade sexual e de gênero: limites e possibilidades da prática docente no ensino médio público no município de Rondon/PR*. O trabalho teve como objetivo investigar a ocorrência da heteronormatividade no espaço escolar e seus reflexos em identidades não correspondentes a tal norma. De acordo com a autora, a pesquisa ampara-se em documentos-base da educação nacional, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Plano Nacional de Educação (PNE) e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, cruciais no desenvolvimento de uma intervenção pedagógica ocorrida com estudantes do 3o ano do ensino médio de uma escola da cidade de Rondon (PR). O desenvolvimento de 20 aulas, todas previstas no plano de ensino da disciplina de sociologia, pautou-se em materiais que discorriam sobre a importância da formação de uma consciência ética que possibilite o respeito às diferenças, às singularidades, promovendo a superação dos preconceitos e, mais especificamente, da LGBTfobia:

Na fundamentação teórica exploramos diversos conceitos que permeiam a relação social entre os gêneros, principalmente com o objetivo de desconstruir o machismo enraizado, os estereótipos de gênero, o preconceito, a discriminação, a homofobia, enfim todos os fenômenos sociais derivados das desigualdades de gênero que colocam os sujeitos LGBTTI+ em evidência e que sofrem violência, ora velada, ora explícita. (GRESPLAN, 2020, p. 140).

Como resultados, Grespan (2020) afirma a existência de uma viabilidade no que tange à discussão de temáticas relacionadas aos gêneros e às sexualidades na disciplina de sociologia, haja vista ser este um espaço que promove o debate paralelamente ao contexto social. Segundo ela, por intermédio do relato dos alunos participantes, tornou-se nítido o processo de desconstrução que eles se permitiram iniciar e desenvolver, alcançando narrativas que passaram a responsabilizar-se e opor-se, quase por completo, à homofobia. Heteronormatividade e homofobia na escola: intersecções entre o

Marina Pedersen (2020) desenvolveu a pesquisa *Heteronormatividade e homofobia na escola: intersecções entre o ensino de sociologia e a educação sexual para o combate à homofobia*, que também se debruçou sobre o ensino de sociologia no ensino médio como espaço propício à inclusão de temas como a sexualidade e a diversidade sexual. Em concordância com Pedersen (2020), a sociologia permite um processo de despertar dos estudantes, por meio da desnaturalização das construções e das convenções sociais. Assim, a hipótese é a de que docentes da área possam ser instrumentos valiosos no combate à homofobia escolar, quando de seu papel de mediadores da construção do conhecimento e da criticidade. De abordagem qualitativa, a pesquisa se estruturou por meio de questionários enviados aos docentes da disciplina de sociologia do município de Araraquara (SP). Os resultados evidenciam que as professoras e os professores compreendem a sexualidade enquanto um constructo que engloba diferentes aspectos, não redutíveis à prática sexual. Foi possível identificar, também, que todos abordam as temáticas em suas aulas, justamente por compreenderem que a sociologia auxilia na criação desse território das desconstruções do senso comum.

Lorena Kelly A. Pereira (2021) trouxe um estudo de caso para ser o campo de estudos de sua pesquisa de mestrado em educação agrícola. *Diversidade sexual na escola: a experiência de um projeto educativo no IFCE Campus Crato* parte da análise dos impactos gerados pelo Grupo de Estudos sobre Gênero e Diversidade na Escola (GDE), vinculado ao Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Crato, na formação de discentes e integrantes do referido projeto, composto, principalmente, de estudantes do ensino médio integrado, subsequente e superior. Os dados foram colhidos por meio da aplicação de um questionário on-line, demonstrando que: apesar de possuírem alguns conhecimentos prévios a respeito dos temas trabalhados, verifica-se uma grande confusão entre conceitos e nomenclaturas por parte dos integrantes; constatou-se um alto nível de ocorrência de bullying homofóbico naquele campus, sendo que os servidores não possuem nenhum tipo de preparo para lidar com tal questão;

agrupamentos que debatem temas emergentes como os apresentados na pesquisa ainda são fruto dos esforços de personagens isoladas do campo da educação; 100% do público atendido pelo grupo acredita na importância de que sejam debatidos os temas dentro do contexto escolar; as gestões ainda são desacreditadas da necessidade de que se estimule a abertura de tais espaços e, quando da ocorrência, não oferecem qualquer tipo de patrocínio.

Algumas considerações

O presente artigo, partindo das inquietações apresentadas por Couto Junior *et al.* (2018), objetivou apresentar um panorama da produção acadêmica na pós-graduação brasileira acerca do bullying homofóbico nas escolas. Ao final do processo, que fez uso de protocolo adaptado de RSL de Paranhos *et al.* (2021), houve o retorno de 13 trabalhos, entre teses e dissertações, que aderem ao escopo central desta pesquisa.

Ao longo da construção do artigo, muito além de análises bibliométricas, puderam ser feitas algumas constatações quanto a um panorama geral da pesquisa acadêmica na pós-graduação nacional. A primeira refere-se à escassez de pesquisas relacionadas ao campo da educação infantil e fundamental, quando comparadas àquelas que adotam o âmbito do ensino médio como campo de investigação. Devemos lembrar que, consoante Preciado e Marcondes Nogueira (2018), “[a] polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais” (p. 98).

Já na infância os dispositivos da cisheterossexualidade hegemônica são expressos nos corpos das crianças, que passam a ter seus destinos definidos. Por outro lado, existem correntes que afirmam, sem qualquer embasamento científico, que gêneros e sexualidades são questões que só virão a se apresentar na adolescência. Fato é que, por mais que haja uma discordância acerca da discussão, a homofobia é encontrada na escola de educação infantil e fundamental (FILHA, 2015).

Outro aspecto recai sobre a diminuta produção que produza conexões entre o bullying homofóbico e outros locais de poder que, em interrelação e interconexão, produzem opressões e violências. Falamos aqui da emergência em se adotar a lente da interseccionalidade como forma de produzir leituras outras e perceber que os fenômenos da violência, marginalização e subalternização estão enredados em um contexto

demasiado amplo e complexo, o qual necessita ser analisado com maior atenção (COLLINS, 2022; SPIVAK, 2010).

A falta de apoio por parte das gestões educacionais, a escassez de políticas públicas específicas e o avanço do conservadorismo nacional foram constantemente marcados nas pesquisas. Coincidência ou não, o recorte temporal da presente pesquisa compreende o período entre o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, a posse de Michel Temer e, por fim, a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, período este que ficou marcado pela redução de investimentos em políticas sociais, crescimento dos discursos de ódio e perda expressiva de direitos conquistados até então (SIERRA, 2019). Este cenário nos possibilita depreender a existência de uma direta relação entre este marco histórico na política brasileira e seus efeitos atroztes no cenário social e, em especial, na educação.

Também merece destaque a vinculação do tema ao campo das disciplinas sociológicas, favorecida pelo fato de “a Sociologia escolar se [mostrar] como um campo aberto para os mais diversos projetos sobre a mesma” (LIMOEIRO, 2017, p. 57). A autora ainda afirma que tal possibilidade ocorre devido à sua característica intermitente, favorecendo uma “transposição didática de conteúdos [...] [e] de diversas possibilidades de temas, conceitos e teorias” (LIMOEIRO, 2017, p. 57).

Uma parcela considerável dos trabalhos defende o processo de participação discente na construção de estratégias de combate à homofobia escolar, justamente para que suas percepções vivenciais possam ser expressas, atingindo uma eficácia superior. Borges *et al.* (2013) e Prado *et al.* (2012) afirmam que tal inclusão é necessária para que projetos e programas voltados ao fenômeno não se transformem em mais políticas que não reverberam de maneira positiva, justamente por serem produzidas por pessoas sem nenhum tipo de conhecimento de causa.

Por fim, e acreditamos ser este o ponto de maior relevância, em que pesem as análises feitas, constata-se a consensual, em todo o universo de dados analisados, importância da construção de redes de apoio entre escola, família e movimentos sociais. Muito além dos aspectos subjetivos de afetividade, principalmente por parte das famílias, tal construção permite que o tema seja incluído no campo da educação de forma orgânica, reestruturando o contexto social em que a escola está inserida. Além do mais, a integração com movimentos sociais identitários possibilita a interlocução de informações e dados específicos relacionados ao tema, nem sempre de domínio por parte das equipes docentes (ESPEJO, 2018).

Creio que, fazendo uso do método da RSL, tornou-se possível reconhecer um panorama em torno da produção brasileira em cursos stricto sensu e, desse modo, notar a necessidade de ainda considerarmos o tema como um profícuo campo de investigação, no tocante à existência de inúmeras lacunas a serem preenchidas. A percepção final é de que temos uma base passível de nortear nossas práticas docentes, mas que ainda necessitamos de instrumentos práticos que nos mostrem como fazê-lo.

Agradecimentos

Agradecemos à querida Monique Heloísa de Souza pelo seu valoroso trabalho na correção ortográfica e gramatical do texto.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BERGAMASCHI, Igor F. **A atuação do estado no combate à lgbtfobia no ambiente escolar**. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Fundamentais e Democracia) - Programa de Pós-Graduação em Direitos Fundamentais e Democracia, Centro Universitário Autônomo do Brasil - Unibrasil, Curitiba/PR, 2018.

BORGES, Zulmira. N.; PERURENA, Fátima C. V.; PASSAMANI, Guilherme R.; BULSING, Muriel. Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas. **Latitude**, v. 7, n. 1, p. 61-76, 2013. DOI: <https://doi.org/10.28998/lte.2013.n.1.1065>

CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Banco de metadados. CAPES, 2022. Disponível em: <https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/227>. Acesso em 10 mai. 23.

COLLINS, Patricia. H. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica.** Tradução de Bruna Barros e Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

COUTO JUNIOR, Dilton. R. do; OSWALD, Maria Luiza M. B.; POCAHY, Fernando. A. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**, v. 18, n. 1, p. 124-137, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28046>

ESPEJO, Juan C. Discriminación y violencia homofóbica en el sistema escolar: estrategias de prevención, manejo y combate. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230031>

FERREIRA, Melina. A. T. **A visibilidade LGBTI+ e o protagonismo lésbico: narrativas de estudantes e funcionários de uma escola estadual da zona norte de Niterói.** 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2020.

FILHA, Constantina X. Sexualidade e identidade de gênero na infância. *Revista Diversidade e Educação*, v. 3, n. 6, p. 14-21, 2015.

GRESPLAN, Rosana P. de C. **Educar para a diversidade sexual e de gênero: limites e possibilidades da prática docente no ensino médio público no município de Rondon/PR.** 2020. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Paraná, Paranavai/PR, 2020.

G1. Projeto de distribuir nas escolas kits contra a homofobia provoca debate, **G1**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/projeto-de-distribuir-nas-escolas-kits-contr-homofobia-provoca-debate.html>. Acesso em: 11 jul. 2023

LAPOLLI, Édis. M.; PARANHOS, William. R.; WILLERDING, Inara A. V. **DIVERSIDADES: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças.** Florianópolis: Editora Pandion, 2022.

LIMOEIRO, Beatrice C. Gênero e sexualidade como temas da sociologia escolar: uma comparação entre livros didáticos (PNLD 2012 e 2015). **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, v. 19, p. 53-65, 2017.

MEDEIROS, Cristiano. S. de. **#DIFERENÇA: pensando com imagens compartilhadas dentrofora da escola.** 2017, 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **cadernos pagu**, v. 62, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>

NEVES, Francisco de J. **Bullying e homofobia no contexto escolar: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul**. 2020, 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2020.

OLIVEIRA, Megg R. G. de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017, 192 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2017.

PARANHOS, William. R.; WILLERDING, Inara A. V.; LAPOLLI, Édis M. Formação dos profissionais de saúde para o atendimento de LGBTQI+. **Interface (Botucatu)**, v. 25, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200684>

PEDERSEN, Marina. **Heteronormatividade e homofobia na escola: intersecções entre o ensino de sociologia e a educação sexual para o combate à homofobia**. 2020, 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) - Programa Nacional de Mestrado Profissional em Sociologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília/SP, Marília/SP, 2020.

PEREIRA, Lorena K. A. **Diversidade sexual na escola: a experiência de um projeto educativo no IFCE Campus Crato**. 2021, 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2021.

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MARTINS, Daniel Arruda; ROCHA, Leonardo Tolentino Lima. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 2009

PRECIADO, Beatriz; MARCONDES NOGUEIRA, Fernanda. F. Quem defende a criança queer?. **Jangada: crítica | literatura | artes**, [S. l.], n. 1, p. 96–99, 2018. DOI: 10.35921/jangada.v0i1.17. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 10 maio. 2023.

QUIRINO, Rafael C. **O corpo (des)educado: narrativas sobre sexualidades e as trajetórias de escolarização**. 2018, 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente/SP, 2018.

CABRAL SIERRA, J. Identidade e diversidade no contexto brasileiro: uma análise da parceria entre Estado e movimentos sociais LGBT de 2002 a 2015. **Anos 90**, [S. l.], v. 26, p. 1–14, 2019. DOI: 10.22456/1983-201X.90616. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/90616>. Acesso em: 10 maio. 2023.

SILVA, R. A. da. **Incluir excluindo ou excluir incluindo: a escola E-JOVEM/LGBTTI e seus desdobramentos**. 2018, 127 f. Tese (Doutorado em

Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Araraquara/SP, Araraquara/SP, 2018.

SOUSA, Kelyane O. de. **Programa de habilidades sociais na escola: uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual.** 2017, 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2017.

SOUZA, Jackeline Maria de; SILVA, Joilson Pereira da; FARO, André. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 289-298, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>

SPIVAK, Gayatry C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TANNURI, João G. de C. G. **O que dizem famílias homoparentais sobre as relações estabelecidas com a escola de seus filhos: tensões entre aceitação e discriminação.** 2017, 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus Rio Claro/SP, Rio Claro/SP, 2017.

TOKARNIA, Mariana. Comissão da Câmara aprova texto-base do PNE e retira questão de gênero. **Agência Brasil**, 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-04/comissao-da-camara-aprova-texto-base-do-pne-e-retira-questao-de-genero>. Acesso em: 11 jul. 2023.

TOLEDO, Rodrigo. **Homofobia e Heterossexismo na Escola: um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica.** 2018, 191 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2018.

ZEQUINÃO, Marcela A.; MEDEIROS, Pâmella de; PEREIRA, Beatriz; CARDOSO, Fernando L. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, p. 181-198, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>

Recebido em maio de 2023.

Aprovado em julho de 2023.